Spinoza viveu sua infância com conforto em uma bela casa perto da velha sinagoga portuguesa em Amsterdão. Ele nunca saiu da Holanda, o que favoreceu suas reflexões sobre a política e o papel do Estado na organização dos assuntos humanos.

Os instrumentos de sua formação filosófica e científica foram as línguas holandesa, hebraica e latina, mas o filósofo também dominava o espanhol e o italiano. E, ainda, devido à sua descendência falava o português desde sua infância. Mais tarde, Spinoza confessou a seu amigo Guilherme de Bleyenberg que gostaria de escrever na língua portuguesa para melhor exprimir suas idéias, pois o português era a língua falada na comunidade israelita de Amsterdão. Durante o século XVII, os judeus holandeses cultos usavam o português como língua corrente.

Além dessas línguas, Spinoza também dominava o castelhano. Conforme sabemos, o castelhano foi utilizado por refugiados portugueses que fugiram de Portugal e se estabeleceram na Espanha antes de seguirem para a Holanda. As obras de Spinoza, observa Carvalho, não se distanciam da temática que ocupava os pensadores lusitanos naquele momento, com a diferença de procurar uma explicação estritamente racional para as relações entre Deus e o Mundo.

A biblioteca deixada por Spinoza, investigada por Carvalho, demonstra que foram encontrados dezesseis livros, três dicionários em castelhano e nenhuma obra em português. Essa falta de obras em português pode ser explicada pela dificuldade que Spinoza teve em obtê-las. As obras em castelhano chegaram ao filósofo por meio do agente de comerciantes espanhóis estabelecido em Amsterdão chamado Pieter Balling. Balling também era teólogo e tradutor para o holandês dos *Princípios da Filosofia*, de René Descartes (1696-1650), e conversava em castelhano com Spinoza.

Dos escritores castelhanos estavam presentes em sua biblioteca: Luís de Gôngora (1561-1627), Francisco de Quevedo y Villegas (1580-1645), Miguel de Cervantes (1547-1616), Baltazar de Gracián (1601-1658), Diego de Saavedra Fajardo, Juan Perez de Montalvan e Lope Vega (1562-1635). Dos autores portugueses, estão traduzidas para o castelhano obras de Leão Hebreu (Iehuda Abarbanel, 1465-1535) - intitulada *Diálogos de Amor*, além de Manasseh Ben Israel e do poeta João Pinto Delgado (1562-1635), obras que também integravam sua biblioteca.

Sobre a família de Spinoza, Carvalho diz que alguns biógrafos afirmam que ele era filho de Miguel de Spinoza e Débora de Spinoza, que faleceu quando o filósofo tinha 5 anos de idade. Ele deixou, quando

divina, da instituição do culto e dos milagres; a segunda, exegética, diz respeito à autoria, composição, sentido autêntico dos livros do Antigo Testamento, principalmente o *Pentateuco*. Com esse rigor instaurou resultados inovadores. Spinoza conclui que o Deus apresentado nas Escrituras possui feições humanas, bem como características físicas e paixões dos homens. Sendo assim, esta não era a sua verdadeira face, porque o verdadeiro Deus deveria ser exatamente o contrário deste. No entanto, Carvalho mostra a humanidade do filósofo na abordagem do assunto:

> "Sei que sou homem, e posso ter errado; empreguei, porém, toda a diligência em evitar o erro e, sobretudo, em não escrever alguma coisa que brigasse com as leis do país, a liberdade e os bons costumes" (Spinoza, *Tratado Teológico-Político*. p. 374).

**b) Ética**

Carvalho esclarece que Spinoza tomava a experiência humana como forma de retratar um Universo, cujas estruturas e fenômenos aparecem como são. Para tal, adequou seu pensamento aos fundamentos da Razão, que era a maneira predominante de explicar as coisas na época em que viveu.

Essa Razão teve origem no método cartesiano, que foi utilizado por outros pensadores modernos. Spinoza encontrou no *Racionalismo* a melhor via de compreensão do mundo e a norma exclusiva de uma ação. Para Carvalho, o *Racionalismo* cartesiano define-se pelo pressuposto que tudo o que existe, existe e ocorre necessariamente como ordenação imanente às próprias idéias, seres e eventos.

O método racional consiste em tornar clara e evidente uma explicação sobre o mundo. Trata-se de uma significação na busca da certificação epistemológica. Para isso, buscam-se fundamentos lógicos e científicos que permitam comprovar a explicação dada. Spinoza recorreu ao método geométrico, com o qual tornou clara e evidente sua concepção sobre o Universo. No sentir de Carvalho, Spinoza intentou demonstrar que aceita por verdadeiro somente o que a compreensão humana entende racionalmente.

A obra de Spinoza é escrita em forma geométrica. Para Carvalho, é a primeira aplicação do método euclidiano a uma concepção sistemática da

realidade do mundo, da existência humana e do fundamento da vida espiritual. Essa ordem é colocada por Spinoza para evitar explicações sobre o Universo que partam dos seres causados, e não da verdadeira substância fundante.

> "o filósofo sistematizou a sua concepção de Mundo e da vida, parte de uma noção de Deus e obedece ao ritmo interno de um como que movimento de processão de Deus para a alma humana e de reintegração total da alma humana em Deus, por forma que uma especulação metafísica se remata em reintegração, ou talvez mais propriamente, em redenção moral" (Carvalho, *Introdução à Ética de Spinoza*, p. 228).

Na Filosofia, o conceito "substância" é empregado por vários pensadores com diversos significados. Na Escolástica, por exemplo, "substância" designa o que permanece nas coisas através das sucessivas alterações delas, sendo a essência um suporte do ser. Em Spinoza, a substância possui um sentido diverso. Ela é caracterizada por ser *infinita*, porque nega a duração temporal, constituindo a essência das coisas; *única*, porque não podem existir duas substâncias sem se contradizerem, porque, se assim fosse, elas se anulariam; *necessária*, porque é própria da Natureza que exista; e *iniciada*, porque é causa de si mesma, impossibilitando ser criada por outra coisa.

Carvalho chama a atenção para o fato de o termo *causa de si* aparecer primeiro que o termo *substância*. Isso acontece por a *substância* aparecer antes de mais nada causada ou originada. Então entende-se que Spinoza compreendia o início como sendo a Substância, ou Deus, que possui a causa em si mesmo e é a causa de todas as coisas, conforme se observa no texto que se segue:

> "Ser absoluto, infinito é a substância constituída por infinitos atributos dos quais procedem todas as determinações concretas das coisas e eventos, a razão de ser e a unidade de tudo que existe, a única realidade ontologicamente absoluta, na qual se identificam a essência, a existência e a atividade criadora" (*idem*. p. 231)

Todos os fenômenos e eventos do Universo são necessários. E essa necessidade é própria da substância. Carvalho compreende essa idéia

nela está contida. O pensamento é o aspecto ou a expressão da maneira como a mente considera substância. Desse modo, é a atividade de abstrair pelo intelecto as coisas que se mostram, porém assumindo que todas essas coisas possuem uma substância fundante, que é divina. Já a extensão é tudo aquilo que tem como modo o corpo. A extensão são as coisas do mundo que se identificam com a existência e obedecem aos eventos da Natureza. A união entre o pensamento e a extensão acontece quando Spinoza admite que ambos atributos são divinos. Carvalho interpreta essa união entre o pensamento e a extensão como um processo cognitivo apreendido pela concepção monista do Universo:

> "A substância sendo em si, por si e de infinitos atributos bastava-se a si mesma e explica satisfatoriamente a coexistência e o paralelismo do pensamento e a extensão, considerados como atributos de uma só substância e não como substâncias independentes" (*idem*, p. 263).

Isso significa que, para Carvalho, Spinoza procurou explicar o mundo através do conhecimento da causa de tudo e, depois, empenhou-se em explicar o mundo físico. No entanto, não separou os atributos em realidades distintas, porque se o fizesse, admitiria duas substâncias.

Dessa concepção do mundo de Spinoza decorrem duas conseqüências, observa Joaquim de Carvalho. A primeira é o *Racionalismo*, que utiliza a Razão para declarar uma explicação certa e indubitável do real. A segunda é o *Eticismo*, que parte da certeza racional e determina como o homem deve proceder no Universo, de modo que aja conhecendo as causas das coisas e assim age livremente. Para Carvalho, consiste numa passagem da racionalidade para a metafísica e justifica a ação do homem objetivando a busca da felicidade. A felicidade para Spinoza seria a perseguição do bem-estar e da liberdade de consciência.

Todo o esforço da *Ética* se dirige para romper a relação tradicional entre a liberdade e a vontade. A liberdade é definida por Spinoza como decorrente da essência do homem. Então, o homem se define como ente livre. Spinoza dizia ser a liberdade como agir da consciência, na medida em que se conhece a causa e o efeito das coisas da Natureza. E, por isso, esforça-se em obter uma explicação racional do Universo que justifique a ação livre. Seja na política, seja na teologia, o homem deve sentir-se livre

por causa de sua natureza. De modo diverso, a vontade nasce das paixões. As paixões resultam das idéias inadequadas e confusas que possuímos da Natureza. Sendo assim, o homem se guia pela vontade e não conhece a causa e os conceitos das coisas, não age livremente.

Ao reconhecer tal procedimento, Spinoza revela uma idéia clara e distinta do Universo e situa-se na trilha do cartesianismo, mas dando-lhe conseqüências novas.

**3. A discussão que se seguiu à divulgação das idéias de Spinoza.**

Joaquim de Carvalho examina cuidadosamente o legado de Spinoza. Compreendê-lo significa compreender o que o filósofo deixou de mais inovador. Ele também indica que no século XVIII, os Países Baixos foram considerados asilos para aqueles que se refugiavam das perseguições religiosas. Joaquim de Carvalho entende que essa proteção que os Países Baixos mantinham vinha da exaltação da liberdade de consciência e de tolerância religiosa:

> "Todas as religiões tem neste país inteira liberdade de celebrar os seus mistérios e servir Deus como lhes agrada" (Carvalho, *Oróbio de Castro e o Espinosismo*, p. 35).

A Holanda era uma República onde os cidadãos gozavam de inteira liberdade. Spinoza compreendia que a liberdade se conquista com esforço e sua vigência é precária; uma vez perdida, a reconquista é mais difícil por ser mais lenta. Então, Spinoza dedicou-se a tratar a questão da experiência de modo a preservar a liberdade.

Os cidadãos da Holanda prezavam o desprendimento material e a serenidade moral. Diversa de outros países europeus que assumiram a tradição romana, na qual o favor substitui o direito, a licença substitui a liberdade, e a paz civil se firma à custa de humilhações, a Holanda do século XVIII foi solo fértil de inquietações, dissidências e controvérsias religiosas. Essa diversidade de religiões provocou a ilusão de uma religião holandesa. Carvalho lembra que:

> "Toda a gente, letrados, burgueses e mesteirais, no íntimo sempre burgueses, discutia questões teológicas; cada qual tinha opinião acerca da predestinação e da graça, ou

interpretava a seu modo as Escrituras e a Revelação" (*idem*, p. 35).

O conteúdo do *Tratado Teológico-Político*, que foi uma interpretação de Spinoza sobre as Sagradas Escrituras, determinou que a comunidade judaica o excomungasse em 27 de julho de 1656. Segundo Carvalho, foi quando Spinoza deixou de ser um judeu rebelde para se tornar um homem livre. Spinoza viveu em solidão, desprotegido e considerado morto para seus familiares. Na solidão tornou-se habilidoso em polir lentes, função que lhe trazia condições para viver.

Spinoza morreu em fevereiro de 1677 e, no ano seguinte, foi proibida a circulação de suas obras. Enquanto isso, cresceu a bibliografia antispinozista atingindo assombroso vulto. Um dos críticos mais duros de Spinoza foi Oróbio de Castro (1620-1687), natural de Portugal, que estudou na Espanha e na França e viveu na Holanda. Oróbio assumiu o judaísmo na Holanda, mudando o nome para Isaac. Essa conversão o transformou em adversário cruel da religião Cristã que antes professara.

Carvalho conta que Oróbio foi reeducado nas sinagogas aliando-se a uma visão ortodoxa do judaísmo e combatendo diversas interpretações religiosas que surgiam. Para atingir o spinozismo, Oróbio refere-se a um divulgador das idéias do filósofo, uma vez que estava interditado de lê-lo. Passados sete anos da morte de Spinoza, Oróbio publicou *Certamen Philosophicum*, dirigindo-o ao spinozista Joham Brandenburgo (?-1691).

Brandenburgo era membro da burguesia holandesa para quem os problemas teológicos e filosóficos assumiram importância vital. Carvalho destaca que a obra de Spinoza despertou Brandenburgo e o incitou a refletir sobre o panteísmo. Carvalho diz que:

> "Opera-se no espírito de Brandenburgo a subversão das antigas idéias metafísicas; ao dualismo transcendente e irredutível de Deus e da Natureza sucedia agora a concepção monista da existência absolutamente necessária de um ser Deus sive natura imanente e causa de todas as coisas, agindo por necessidade intrínseca e inevitável" (*idem*. p. 97).

Entretanto, suas idéias afloraram acerca das metafísicas antigas: o dualismo e a irredução de Deus e da Natureza e uma concepção monista da existência necessária de um ser permanente e causa de tudo, agindo por

necessidade. Portanto, Carvalho observa que Brandenburgo não era ateu, embora seus intérpretes o consideraram assim.

Oróbio, ao dirigir-se a Brandenburgo, tinha o objetivo de impor na mente do spinozista a conciliação entre a Fé e a Razão. A obra de Oróbio, *Certamen Philosophicum*, tratava essa questão e significou um relato sobre os rumos do spinozismo como construtor de uma teologia polêmica.

Os spinozistas intentavam separar a Fé e a Razão para justificar a liberdade de cada cidadão. O spinozismo é:

> "Estruturalmente uma maneira de conceber a vida e de fruir a sensação de eternidade pela inefável identificação com Deus" (*idem*. p. 103).

Spinoza era farto de idéias e pobre de recursos materiais, mas não se rebelava e nem negava o amor intelectual a Deus.

**4. Spinoza e a filosofia portuguesa**

A consciência portuguesa dedica especial atenção aos problemas de que se ocupou Spinoza, o que ajuda a entender a admiração que Carvalho teve pelo filósofo. Entretanto, a descoberta das obras do pensador foi vagarosa entre os portugueses. Spinoza tornou-se conhecido em Portugal quando ocorreram mudanças que demandaram respostas para as seguintes questões: a) a necessidade de uma abordagem racional dos assuntos religiosos com vistas à tolerância religiosa; e b) a valorização das coisas do homem. Conforme Joaquim de Carvalho, Spinoza contribuiu para a formação da cidadania em Portugal.

Durante o século XIX, explicou Carvalho, estudiosos lusitanos notaram que o discurso filosófico de Spinoza promovia a tolerância e o amor entre os homens. Isso não apenas despertou o interesse pela literatura spinozista, mas permitiu que suas teses fossem abraçadas sob essa perspectiva. Carvalho diz que foi uma vitória de Spinoza no país que expulsou seus pais.

Ao enfocar a serenidade moral e a espiritualidade de Spinoza, Joaquim de Carvalho destaca que o filósofo contribuiu para consolidar a paz social em Portugal. E uma paz conseguida pelo exercício da liberdade que tem como base o emprego da razão pura equivalente ao amor a Deus como ordenação do mundo.

## Conclusão

Joaquim de Carvalho compreendeu que Spinoza intentava utilizar a racionalidade cartesiana para solucionar os problemas éticos vigentes na Europa no início da modernidade. Essa solução, para Carvalho, ajudou a consolidar uma moral laica e favorável à liberdade de pensar.

A interpretação do trabalho historiográfico de Joaquim de Carvalho por José Mauricio de Carvalho (2001) nos revela que o excurso histórico das idéias de Spinoza, que comentamos neste trabalho, cumpria parte do plano de singularizar a tradição filosófica lusitana e que isso foi um aspecto distintivo do modo de trabalhar de Joaquim de Carvalho[1] No cumprimento desse objetivo, Joaquim de Carvalho elabora uma história da filosofia moderna segundo a ótica de uma tradição filosófica portuguesa. Na verdade ele queria dizer que a história da filosofia moderna se esclarece com as tradições nacionais, questão que foi enfrentada recentemente por Prota[2] Quanto ao seu empenho em situar os problemas discutidos pelo filósofo nas dificuldades de seu tempo trata-se de um procedimento iniciado por José Ortega y Gasset (1883-1955) que o historiador português aprimorou com invulgar talento ao traduzir que cada tempo tem suas preocupações.

## Bibliografia

CARVALHO, Joaquim de. Sobre o Lugar de Origem dos Antepassados de Baruch de Espinosa. *Obra Completa.* v. I. Calouste Gulbenkian, 1992.

_____. Oróbio de Castro e o Espinosismo. *Obra Completa.* v. II - 2 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1992.

_____. Introdução à Ética de Espinosa. *Obra Completa.* v. II - 2 ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1992.

CARVALHO, José Mauricio de. *Caminhos da moral moderna.* Belo Horizonte: Itatiaia, 1995.

_____. *História da filosofia e tradições culturais, um diálogo com Joaquim de Carvalho.* Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

_____. *Meditação sobre os caminhos da moral na gênese do tradicionalismo luso-brasileiro.* Cultura. v.VIII, 2 série, 75-90, 1995.

PAIM, Antônio, PROTA, Leonardo, RODRIGUES, Ricardo Vélez. *As Grandes Obras da Política em seu Contexto Histórico.* Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. 1999.

PROTA, Leonardo. *As Filosofias Nacionais e a questão da universalidade da Filosofia.* Londrina: UEL. 2000.

ORTEGA Y GASSET, José. *Em torno a Galileu.* Petrópolis: Vozes, 1989.

RODRIGUES, Ricardo Vélez. *Tópicos Especiais de Filosofia Moderna.*Londrina: UEL. 1995.

SPINOZA, Baruch de. *Tratado-Político.* Tradução de Manuel de Castro. São Paulo: Nova Cultural. 1996.

_____. *Tratado Teológico-Político.* Tradução de Diogo Pires Aurélio. Lisboa: Nacional. 1988.

_____. *Ética - demonstrada à maneira dos Geômetras.* Tradução de Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes e Antônio Simões. São Paulo: Nova Cultural. 1996.

## NOTAS

1 - Cf. a pesquisa de pós-doutorado desenvolvida no programa de Pós-Graduação da UFRJ, intitulada "História da filosofia e tradições culturais, um diálogo com Joaquim de Carvalho"

2 - Refiro-me à obra "As filosofias nacionais e a questão da universalidade da filosofia", publicada pela EDUEL em 2000.